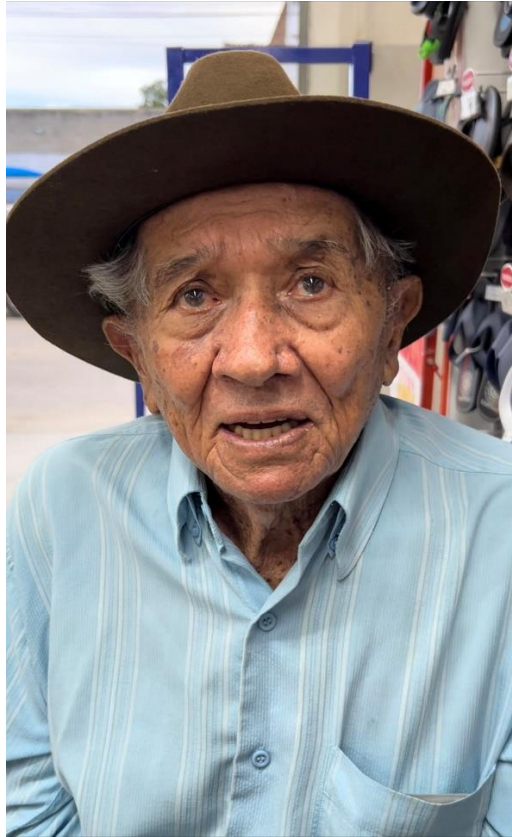


Zé de Cazuzza

Uma das maiores reservas literárias do Brasil



Sertanejo de andar maneiro, algumas vezes dando impressão de está desarticulado, tal qual o sertanejo Euclidiano, o poeta José Nunes Filho, mais conhecido como Zé de Cazuzza, é uma sofisticada articulação no domínio das palavras poéticas e um touro indomável no repertório inesgotável no mundo da poesia. Filho do cariri paraibano, mais precisamente de Monteiro, terra de expressivos poetas, como o erudito Jansen Filho e o maior repentista do século passado, o grande Pinto do Monteiro, Zé de Cazuzza tem no alforje do seu cérebro um repertório de poesias infindável.

O poeta caririense não tem na alcunha o aporte do sobrenome do lugar de nascença, tais quais os filósofos pré-socráticos Tales de Mileto, Heráclito de Éfeso, Pitágoras de Salmo, Xenófanes de Cólofon, e nem também, como os amigos e poetas contemporâneos Pinto do Monteiro e Louro do Pajeú. O pertencimento do poeta citado não é de um lugar, mas sim, do pai que entregou ao mundo um gigante da poesia. Essa mundividência dá a Zé de Cazuzza a

envergadura de um poeta do mundo, mesmo que morando no seu humilde sítio São Francisco, município da Prata, no cariri paraibano.

Homem de aparência rude, de estatura baixa. sempre usando um chapéu, fácil de ser confundido com qualquer outro sertanejo ou de se passar por invisível no apressado mundo urbano, o poeta filho de Cazuzza Nunes é um Hércules da palavra poética e um atlântico transbordando poesia a todo instante, pois a maré da expressão estética literária de Zé, nunca baixa. Acredito que até dormindo, o poeta vive a poesia, pois desde os primeiros raios do sol até o momento em que vai para o repouso no seu quarto, o nobre filho do cariri vive em pleno estado de poesia.

É um privilégio para qualquer amante da poesia ou poeta ter Zé de Cazuzza como uma presença viva na sua existência. Ele “contamina” a vida de qualquer um de forma sofisticada, humilde, simples e elegante, declamando poesias dele e de uma infinidade de poetas do Brasil e do mundo. Passar alguns momentos com Zé de Cazuzza nos torna mais humanos, acende a tocha da sensibilidade e nos faz mais abertos para nós mesmos e para o mundo. Ético, no que tange os valores dos poetas, nunca vi Zé de Cazuzza denegrir um poeta ou desqualificar o verso de alguém. Porém, suas antenas de sensibilidade sempre estão atentas para captar os melhores versos e reconhecer a grandeza de algum poeta.

Nos seus idos anos, Zé de Cazuzza empunhou a viola e cantou com os poetas repentistas da sua época, improvisando versos com a mesma envergadura dos grandes mestres da poesia do repente. No entanto, o poeta preferiu enveredar no campo da oralidade, tanto no sentido de glosar, como também de decorar as melhores estrofes nas noites de cantorias dos poetas do século passado¹.

A tradição oral, há séculos, é o legado das regiões do cariri paraibano e do pajeú pernambucano, tendo Zé de Cazuzza como principal representação e o arcabouço de uma estética poética que pauta desde os poetas repentista aos poetas escritores das regiões citadas. O que o filósofo Paul Zumthor apresenta na sua filosofia sobre oralidade e a performance poética, o filho de Cazuzza Nunes é a prova viva dessas representações em forma de tesouro do patrimônio poético do sertão e a voz dos poetas da viola e da escrita dos rincões do sertão nordestino.

¹ Zé de Cazuzza publicou uma antologia intitulada, Poetas Encantadores. Esse livro, de 382 páginas, foi escrito a partir da memória do poeta

O poeta do sítio São Francisco, na sua humilde e singela forma de se apresentar, sempre diz: “*eu apenas estudei três anos na escola (rural) rudimentar da Boa Vista*”. No entanto, Zé de Cazuza tem consciência da sabedoria e da inteligência que moldam a sua existência, e por isso, vez enquanto usa de uma oratória sofisticada como os catedráticos do meio intelectual do conhecimento organizado cientificamente. Por isso, torna-se importante compreendermos que o conhecimento acontece em outras esferas fora do meio acadêmico; e Zé de Cazuza é a prova viva de tudo disso. Atento, com a percepção aguçada, tanto para ouvir a poesia na forma oral, como leitor dos poetas da literatura clássica brasileira e estrangeira, o mestre da oralidade passeia pela poesia além da região em que nasceu e se criou, e sempre brinda aos que estão em seu entorno, declamando poetas do Brasil e de alguns países do além-mar.

Apelidado de “homem gravador”, tendo sido entrevistado por vários repórteres de diversas mídias e de programas como o Globo Repórter sobre Memória, Zé de Cazuza está muito além de um simples decorador de poesia e declamador. O estudante da Escolar Rudimentar da Boa Vista conhece as nuances da poesia, o que está dentro da palavra poética, as formas literárias, o valor estético de cada verso, o uso bem feito das rimas e o ritmo da métrica. Não existe um assunto relacionado as questões da teoria literária no campo da poesia que Zé de Cazuza não conheça e não domine. O que é impressionante é que ele percebe as sutilezas mais ocultas na poesia, e como um mágico ou expressionista, ele revela com inteligência os segredos da palavra poética. Por isso, o homem de aparência rude, da labuta da roça árida, é uma doçura quando abre a boca para falar de poesia, saindo da mera situação de um gravador, para mostrar através da declamação a carnalidade de uma poesia que está tatuada no tecido da sua existência.

Além do patrimônio cultural que Zé de Cazuza representa para cariri paraibano e demais regiões do nordeste, o poeta é um educador do sertão, pois tanto os amigos e amigas do poeta, ao longo dos anos, têm aprendido com o estudante da Boa Vista os diversos conhecimentos na área da poesia e ampliado a sensibilidade no campo da experiência estética. Contudo, o filho único do patriarca Cazuza Nunes tem formado e educado seus descendentes. Então, vamos encontrar no tronco de Zé de Cazuza diversos galhos, frutos e flores que são seus

filhos, netos e netas, alguns no campo da música, outros na área da poesia, porém, tendo como principal seiva para todos (as), o valor e a beleza da poesia.

Falar de Zé de Cazuzza no campo da poesia é uma estrada longa...Quase sem fim, pois o poeta tanto pode ser visto no conhecimento da literatura poética, da oralidade, da performance, da antropologia, da educação e demais assuntos. No entanto, o poeta de aparência discreta, ao primeiro olhar ou para quem está distante, é uma irreverência cômica no convívio social. Galanteador, versátil na palavra da conquista e cheio de entradas sedutoras, o poeta é uma espécie de Dom Juan do sertão, e não se intimida de tentar seduzir as mulheres que fazem parte das rodas de poesia. Porém, tudo fica no campo da brincadeira e do folclore cazuziano. Sempre, nas rodas de poesia, o boêmio Zé de Cazuzza está com um copo de cerveja na mão, sem pressa para o fim da farra e botando para dormir logo cedo jovens que tem idade de ser seu filho ou neto.

O que o filósofo Paul Riceur apresenta no seu livro *A história, a memória e o esquecimento*, Zé de Cazuzza, completando quase um século de existência, mostra-se como mestre da história através da oratória e da palavra poética, e por meio da memória, ao longo das décadas, não deixou cair no esquecimento a poesia do sertão, e com isso, tem contribuído de forma importantíssima para a preservação da poesia sertaneja-nordestina-brasileira, como um museu vivo, andante e representante de uma grande reserva literária: O CARIRI PARAIBANO.

Gilmar Leite Ferreira

Poeta e Professor Doutor da Universidade Federal da Paraíba.